

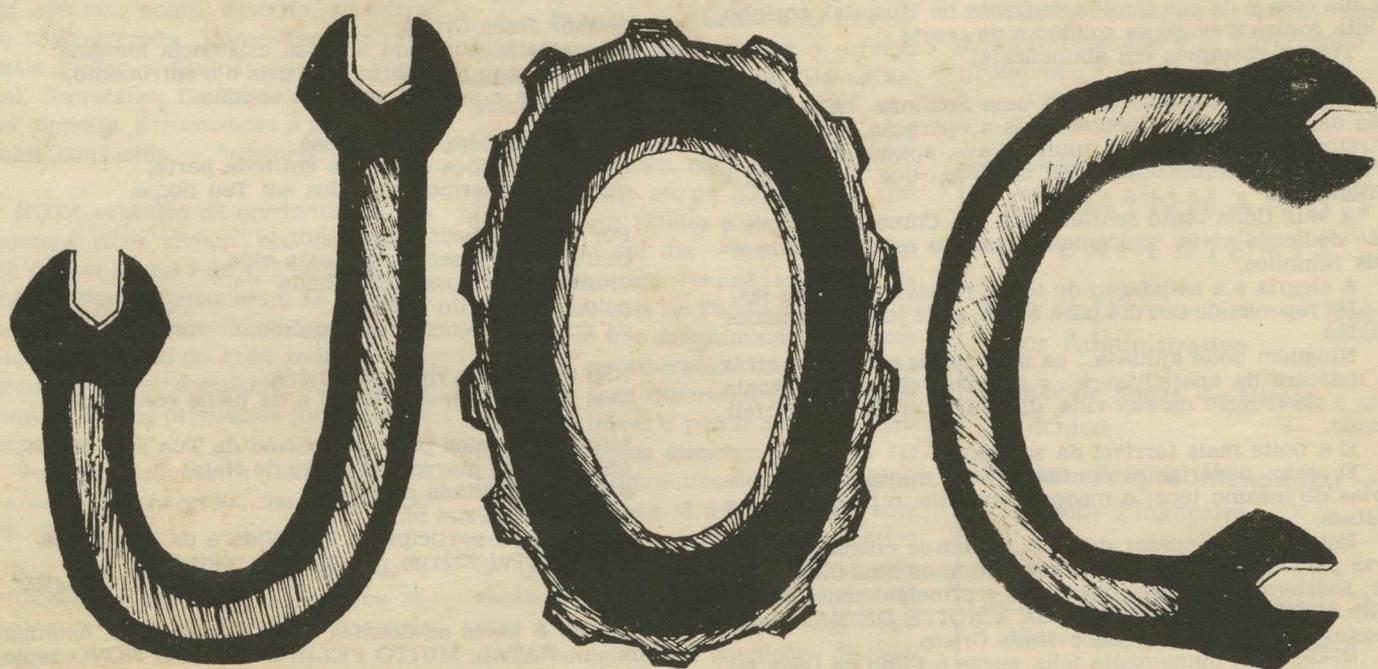
caminhando

ANO III

— NATAL — JANEIRO DE 1983 —

NÚMERO 44

CENTENARIO DE CARDIJN 1882-1982



CARTA AOS DOENTES

Queridos amigos e amigos doentes.

Nesta época do ano em que se aproximam as celebrações das grandes festas, pensamos em duas noites: na noite de NATAL, do Nascimento do Salvador do mundo, e na noite em que festejamos o início de um ano novo, cheio de esperança.

São festas de muita alegria, de convivência maravilhosa das famílias, de renovação de amizades e de reencontros comoventes.

Parece, então, que a nossa felicidade será constante e que não existirá mais sombra na vida.

Tudo ficou iluminado pela luz tão clara dos felizes acontecimentos de fé e de confiança.

Infelizmente, porém, devido à dura realidade deste mundo, somos obrigados a acrescentar mais uma noite, a terceira, a qual é a noite do sofrimento de muitas pessoas doentes, idosas ou deficientes físicos.

São noites intermináveis em que se espera em vão pela luz.

Quero apresentar, logo no início desta carta, esta noite sombria, para que, no fim, possamos descobrir nas duas noites extremamente felizes, sinais de conforto e de esperança, tão necessários para poder aguentar a dureza desta vida.

De fato, encontramos muita gente submersa na noite da solidão. A solidão é o desespero porque a gente se sente só. É, realmente, uma dor bastante aguda que corrói, um desejo muito forte que jamais será saciado, o vazio em torno da pessoa que não poderá ser preenchido.

A noite da solidão significa: não ter ninguém com quem se pode falar, compartilhar, expressar os seus sentimentos, não há sinal de amor e não se pode dar nem receber.

Não aparece uma pessoa carinhosa que, pelo menos, olha para a gente.

É uma situação muito triste e desanimadora.

Quem se encontra nesta situação, compreende profundamente o sentido do grito impressionante do Salmista:

“Senhor, será que nunca mais te lembrarás de mim?

Quando é que voltarei a sentir o teu olhar?

Até quando meu coração, envenenado pela tristeza, alimentará esta revolta? (do salmo 12)

E do próprio Jesus ouvimos na hora da sua morte: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”

Podemos imaginar a solidão de um doente que, longe da sua casa e da sua família, enfrenta no Hospital, sozinho, a luta contra a noite da solidão e da morte.

Temos exemplos em abundância!

Vejam a noite dolorosa de uma Senhora bem jovem, mãe de seis filhos pequenos. Após a operação, ela percebe claramente a sua situação muito grave, apesar de todas as afirmações tranquilizantes dos médicos que escondem a verdade.

A vida tinha tanto sentido para ela. Como boa esposa e mãe dedicada vivia unicamente para o esposo e para os seus filhinhos.

A alegria e a satisfação de todos reinavam em seu lar.

De repente, de um dia para outro, ela é jogada na maior solidão.

Ninguém pode ajudá-la... os médicos se escondem atrás da máscara da aparelhagem... e sozinha ela se confronta com a destruição da sua vida, do seu futuro e da sua felicidade.

E a noite mais terrível da solidão!

E assim poderíamos continuar com muitas outras histórias do mesmo teor: o medo, a angústia, o desespero e a tristeza.

Entretanto, e apesar de tudo, abrem-se outras perspectivas para todos que crêem e que abrem os seus olhos para ver. Existem noites bem diferentes e principalmente aquela noite, a mais abençoada de todas, a NOITE DE NATAL, do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Nesta noite sumamente feliz, surge o Filho de Deus feito homem:

mostrando o seu desejo de dar a todos a FELICIDADE,

de dar ao mundo a PAZ,

de transmitir AMOR e TERNURA,

de compartilhar a SUA VIDA com todos os seus irmãos.

A Noite de Natal contrasta totalmente com a noite da solidão.

Naquela noite o vazio se preencheu da glória de Deus e envolveu-se de luz e “juntou-se ao Anjo grande multidão do exército celeste louvando a Deus”.

A noite não existe mais, pois nasceu Aquele Menino que, repleto de ternura e do espírito de doação, olha para nós e nos ama.

Então, em meio da terrível noite da solidão, o doente deve prestar toda a sua atenção a história mais preciosa do mundo, a qual num instante pode destruir toda solidão:

Deus se fez homem.

Deus se compadece de nós.

Deus está ao nosso lado,

Solidário conosco até o fim.

Deus apareceu entre nós como nosso irmão em Jesus Cristo.

Sentimos o calor do raio da Sua Luz nas pessoas que carregam o peso dos outros — que animam o seu irmão — que nos procuram, mostrando o seu amor e a sua amizade.

E assim que a noite da solidão do doente, da pessoa idosa e do deficiente físico desaparece pela Luz do Nascimento de Jesus Cristo, e banhados desta luz continuarão a sua caminhada pelo Ano 1983 com toda esperança e todo amor.

PROFISSÃO DE FÉ DE UM DOENTE

Creio em Deus — Ele olha para mim — Ele me escuta — Ele me liberta.

Creio em Jesus — que se fez homem e não desampara a ninguém — Ele presta toda atenção a gente pobre e vulnerável.

Creio no Espírito Santo — Ele me anima e deseja a perfeita união — Ele sempre renova todas as coisas.

Creio em todos os meus irmãos — sei que são bons e de grande valor — eles procuram a felicidade e são amados por Deus.

Creio na minha própria vida — Deus me protege — Ele olha para mim e me anima.

Creio que eternamente posso contar com Deus — Ele me deu uma VIDA que é muito mais forte do que a morte.

ORAÇÃO

Senhor Jesus Cristo,

Tu passaste por toda a nossa existência humana: o nascimento e a morte, a alegria e o sofrimento, a amizade e a mais completa solidão.

Temos, também, a promessa da Tua presença sempre e em toda parte, quando estivermos reunidos em Teu nome.

Por isso, Te pedimos, Senhor, permanece presente em nossa vida, ajuda-nos na nossa caminhada pelo caminho do dia-a-dia da nossa existência neste mundo.

Não nos deixes viver na dúvida mas na perseverança da fé e da plena confiança.

Isto Te pedimos pela intercessão da Tua Mãe Maria, que tanto se alegrou na Noite de Natal e que foi exaltada e louvada por causa da sua fé, e que agora participa da Tua Vida e da Tua glória junto ao Pai Eterno por toda eternidade.

AMÉM.

Desejo a todos os doentes e a todos que os acompanham um NATAL, MUITO FELIZ e UM ANO NOVO repleto das bênçãos de Deus misericordioso.

seu amigo,

Pe. Adriano Backx C. ss R

Justiça e Injustiça da Empregada Doméstica

1 — **Do ponto de vista histórico** — Nas civilizações antigas pouco valor se deu a mulher. Alguns quadros da história antiga mostram a mulher sempre presa às tarefas de primeira necessidade na família, quais sejam: alimentação, vestuário, confecção de objetos domésticos e de adorno.

O machismo e a discriminação foram sempre os responsáveis pela situação, de obscuridade a que foram relegadas as mulheres em geral.

Nos períodos sombrios da história; escravidão e feudalismo, encontramos as mulheres em completa submissão e subserviência.

2 — **América Latina** — Na América Latina a mulher é marginalizada pelas causas seguintes:

a) por causa do machismo; os homens se acham superiores às mulheres.

b) por causa da diferença de salários entre trabalhador e trabalhadora.

c) porque muitas mulheres deixam à escola para ajudar em casa, trabalhar fora do lar, casar ou porque acham que “mulher muito sabida não casa”.

A sociedade capitalista fez da mulher um objeto de consumo.

A mulher é utilizada para propaganda comercial e de espetáculos sensacionais, cartazes e capas de revistas pornográficas.

Muitas são as que levadas pelos mais diferentes condicionamentos caem na prostituição.

3 — **Ocupação doméstica** — Dentro do contexto acima descrito, encontra-se a Empregada Doméstica, sob os mais variados títulos: Auxiliar Servicial, Secretária, Governanta, Ama, Babá, Copeira, Arrumadeira e a categoria mais conhecida — “cozinheira”.

NOTA — Antes da era industrial, os homens ricos viviam em poligamia. Se davam ao luxo de 4, 5 ou mais mulheres. Destas, umas eram as subalternas e se ocupavam dos diferentes serviços em função do Arém todo. Outras, eram as ditas “companheiras” e gozavam de alguns privilégios junto aos senhores.

Veja-se também a situação das “Aíás” — Camareiras, damas de honra, etc.

Era dita Imperial — As Rainhas e Princesas mantinham verdadeiros séguitos de jovens à disposição dos seus caprichos.

Que dizer da época da escravidão quando as pretas velhas tinham que lavar os pés dos seus “senhores” e dar o banho das suas “senhoras?”

Todas estas situações descritas, mostram o caráter de escravidão, subserviência e absoluta dominação sobre a mulher. Com o desaparecimento das escravas pretas ou brancas; as Senhoras Patroas foram sentindo a necessidade de auxiliares para as tarefas na família.

Vieram em primeiro lugar (e ainda existe essa espécie) as filhas dos moradores, tiradas da família aos 10, 11 ou 12 anos, como “afilhadas” daquelas senhoras sob os “cuidados” morais das mesmas que sem compromisso de salário spendiam com elas apenas a alimentação, vestir e calçar. A saúde e o saber ficavam fora do compromisso.

Obs.: Hoje a espécie ainda existe, embora já com o compromisso de botar a menina na escola. (Declaram dependente para descontar Imposto de Renda).

4 — **Emprego doméstico** — Com a escassez da espécie acima descrita surgem os primeiros “empregos” em serviços domésticos. Fugindo da dureza do trabalho rural e em busca da escola, as jovens começaram a procurar na cidade, emprego em casas de famílias, geralmente por salário infimo, ridícula compensação por tarefas infundáveis. (Muitas se levantam às 4,30 e só voltam a dormir às 23 horas).

Lei dos Empregados Domésticos: — A lei 5.859 de 11-12-1972, veio beneficiar a empregada doméstica com a Previdência e beneficiar correlatos; mas como toda Lei precisa na sua aplicação ser melhorada e adaptada, a 5.859 tem suas injustiças.

5 — **Injustiças** — Como a lei não estabelece carga horária para o serviço doméstico, também os patrões ao assinarem a carteira da doméstica não determinam nada, e as mesmas pela própria condição, nada exigem. Continua, em pleno século XX pessoas trabalhando em tarefas ininterruptas — 5 às 23 horas por dia — sem horário para descanso, etc. Outra injustiça da Lei é a ausência de Fundo de Garantia. Também é um desestímulo a ausência de férias remuneradas. Esse item veio arrefecer toda esperança de segurança da Lei. É talvez o ponto de maior atrito nas relações empregada-patroa. (O número de domésticas que se evadem do emprego nos 15 dias de férias concedidos pelos patrões, é sintomático da insegurança que a falta de remuneração deixou). Geralmente nesses 15 dias a doméstica consegue outro emprego em melhores condições de salário, dinheiro adiantado para aqueles 15 dias de férias secas”.

Entre as falhas da Lei, já enumeradas está a omissão quanto ao texto sa-

larial. Essa é a brecha por onde entram as injustiças por parte de alguns empregadores.

Queixa de uma empregada, que resume as situações injustas.

Maria — Terrível é a situação da empregada doméstica. Já trabalhei assim: a gente tem que usar o mesmo elevador dos gatos e cachorros, não tem hora de serviço, tem de aguentar ordens de crianças, não pode receber o namorado na casa, não tem folga toda semana, não pode frequentar a escola, recebe uma miséria de salário, dorme num caixote e quase sempre é tratada como escrava”.

6 — **Justiça** — Por parte do governo: A lei 5.859 que embora falha serviu de instrumento de valorização da profissão doméstica.

Da parte dos patrões — Já há uma consciência por parte de muitos patrões do valor da pessoa humana dos seus empregados reconhecendo seus direitos, quanto a salário, estudo, condições de moradia, diálogo.

Há patroas tão interessadas pelas suas domésticas que procuram elas mesmas, matriculas nas escolas e acompanham o aproveitamento das domésticas, estimulando a ascensão nos estudos.

Na grande Natal já é possível registrar casos em que a doméstica, como doméstica chegou a Universidade, cursos pedagógicos, estando hoje como professoras ou técnicas em Educação.

Da parte das Domésticas — Procuram se organizar em grupos ou associação para melhor reivindicar os direitos da classe, que por sinal ainda é muito desunida e se envergonha da profissão.

Escola Sta. Zita

CAMINHANDO EXPEDIENTE

João de Oliveira Neto — Diretor Administrativo

Itamar de Souza — Diretor Técnico

Miriam Pereira Monostuski — Diretor Financeiro

Fotos: Ubaldo Bezerra

Sede: Paróquia Integrada de Morro Branco e Lagoa Seca

Impresso em CLIMA. Rua Dr. Barata, 216 — Ribeira

Fraternidade Sim - Violência Não

Curiosamente em 1973 a CNBB definiu como slogan da Campanha da Fraternidade "O EGOÍSMO ESCRAVISA, O AMOR LIBERTA".

Hoje, após uma década de trabalho a Igreja refletindo suas preocupações com os sinais de um tempo cujo o egoísmo (violência) tenta se sobrepor ao amor (fraternidade) na ação dos homens, volta a propor o mesmo tema. "Amemos em ação, não em palavras" (I João - 3,18). Acreditamos ser chegada a hora da Igreja (ver slogan da CF de 1964) parar um pouco e envolver-se no clima da Campanha da Fraternidade (CF), e se avaliar. As CF estão sendo realizadas dentro de um encadeamento ou são estanques? Se há encadeamento como tem sido entre as diversas CF? Para a Igreja, além da grande coleta qual a contribuição que as CF tem dado em termos de consciência de seu espírito e mudança de comportamento dos cristãos?

Seria utopia, talvez, desejarmos saber, considerando que estamos ainda em pleno gozo, qual a "verdade" que procuramos vivenciar este ano, para libertar nosso irmão? Vejamos apenas 3 episódios ocorridos durante este ano que pregamos "A VERDADE VOS LIBERTARÁ": a) A copa do mundo de futebol; b) Eleições e c) Acidente de Igapó. Poderíamos enumerar tantos outros, como, a recente greve dos canavieiros, a violência policial, a greve dos professores do Estado e das Universidades, os problemas fundiários. Perguntamos, qual foi nossa postura de Igreja diante dos 3 episódios acima? Que verdade tivemos coragem de denunciar e poder contribuir para a libertação de nossos irmãos, ou sejamos mais ousados, que verdade comungamos com nossos irmãos durante este ano? Ao menos nesses três episódios.

Se após o nosso VER e JULGAR constataremos que após 10 anos ainda não conseguimos nos libertar do egoísmo que escravisa, que a verdade que comungamos com nossos irmãos não foi capaz de convertê-los em direção a uma sociedade verdadeiramente participada e fraterna, é hora de fazê-lo sob pena de mesclarmos, mais uma vez, nossa participação na CF-83

Como sabemos a Campanha da Fraternidade-83, comemora seu 20.º aniversário, a nível nacional, pois a mesma foi iniciada, no

Brasil, em nossa Arquidiocese a anos. Além da comemoração natalícia duas razões contribuem para oportunizar o tema escolhido: FRATERNIDADE SIM — VIOLÊNCIA NÃO; a primeira, a escalada da violência em nossa sociedade. Particularmente em nosso Estado o nível chega a ultrapassar a "Barreira do Som"; sim, pois sabemos que ultrapassada a barreira do som, tudo é silêncio... e ultrapassadas nas eleições...; a segunda é o fato do Santo Padre João Paulo II ter convocado para o próximo ano o SÍNODO DOS BISPOS, que assumirá o tema: "A RECONCILIAÇÃO E A PENITÊNCIA NA MISSÃO DA IGREJA".

Para nós a situação de violência em nosso país não tem sua origem e raízes no fenômeno universal por que passa hoje a humanidade. Basta folhear os livros que contam nossa História e aí encontramos a ESCRAVIDÃO. Dura, brutal, desumana escravidão que submeteram os índios e mais ainda os africanos. Hoje os trabalhadores sentem-se herdeiros diretos dessa situação do passado. Os assalariados que é a grande camada da população, os sub-empregados, os bóias-frias, os desempregados e os empregados da "emergência". "Sobe ao céu um clamor cada vez mais impressionante. É o grito de um povo que sofre e pede justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais do homem e dos povos". (Puebla n.º 87).

Há uma parcela da população que reduz a violência à criminalidade. É preciso que se veja a criminalidade dentro de uma dimensão mais abrangente, mais larga. "VIOLÊNCIA, com efeito, é tudo o que fere ou esmaga a dignidade de qualquer pessoa humana. São todas as formas de violação dos direitos humanos". (Texto base da CF-3). Dada a amplitude que as formas de violação do corpo, da consciência e da vida: Todas as formas de violação dos direitos humanos". (Texto base da CF-3). Dada a amplitude que se quer discutir a violência a mesma se apresenta de diversas formas e dimensões. Para um estudo mais didático vejamos algumas formas mais comuns que se manifesta a violência:

a) Violência divulgada:

São aquelas cometidas e transmitidas ruidosamente pelos meios de comunicação social. É a violência noticiada. São notícias de mor-

tes bárbaras que vão desde o matar por matar até a morte entre grupos por disputas de "pontos de venda" de jogo de bicho e tóxico. Assistimos pasmados há uns 15 dias a televisão apresentar um quadro onde alguns homens tinham sido aprisionados e eram levados amarrados com cordas enlaçadas em seus pescoços, em fila indiana, alegando a autoridade que efetuou a prisão de que o motivo do "flagrante delito" era "VADIAGEM."

b) Violência silenciada:

É aquela não denunciada, ou da qual o povo recebe apenas notícias vagas e esparsas. Poderíamos exemplificar com os acidentes de trabalho, as precárias condições de vida nas favelas, o exercício da medicina por vezes mercenária, a legislação discriminatória do trabalho da mulher, exploradas dentro e fora do trabalho. As centenas e centenas de vítimas fatais pela luta, pela posse da terra, as empregadas domésticas, as vítimas do sistema financeiro da habitação que recebem seus "embriões" já em fase aguda de desnutrição.

c) Violência Escandalosa:

É a própria exibição da violência através dos meios de comunicação, de filmes, revistas que promovem a violência como expressão de coragem e valentia. São situações mostradas que vão convencendo de que só pelo crime poderão ter acesso ao mundo do conforto e delícia.

d) Violência Ocultada:

É aquela não entendida nem relacionada como violações dos direitos humanos. É aquela considerada como consequência da conjuntura sócio-econômica, obra do acaso, etc. O exemplo do último acidente com a rede elétrica de Igapó. Vejamos: "O poste contrariava todas as especificações técnicas: estava a menos de 6 metros da estrada, não tinha mureta de concreto protegendo sua base e fora projetado para carga de 600 kilos, em vez dos 800 exigidos para os que suportam fios de alta tensão" (Revista VEJA n.º 744 de 08.12.82, pág. 47 — Reprise ao Vivo). Os postes que formam a rede de distribuição NATAL/CEARÁ-MIRIM, de alta tensão, continuam na mesma situação à margem da estrada e contrariando as mesmas especificações técnicas acima.

FRANCISCO GOMES

"O pior da alienação é a inocência do alienado"

Tertuliano Cabral Pinheiro

O escritor Antonio Callado em sua crônica na seção denominada SACADA (pág. 61) na revista ISTO É de 17-11-1982; ele faz uma comparação muito interessante entre o "Muro de Berlim e o nosso". Ao que ele atribui de nosso muro é a grande barreira do desnível social que separa a classe dominadora dos dominados, a este último inclusive ele chega a usar um termo ainda mais rústico, quando diz "escravizados". Essa referência ele faz a situação existente aqui dentro da nossa comunidade brasileira, acrescentando outras mais quando diz que "desde 1822 se alternam no poder conservadores e liberais que governam um pequeno país, o Brasil das elites. Nas eleições é preciso romper esse acordo".

As eleições passaram. E que vemos agora? Rompeu-se o acordo? Derrubamos o nosso muro? Bem, é difícil no atual contexto formado pelo resultado das eleições, antecipar conclusões futuras. Agora vamos ver alguns pontos indispensáveis de observação. Como por exemplo: a maioria dos eleitores brasileiros votaram na oposição, porém a maioria dos estados brasileiros vão continuar sobre o comando do governo (PDS), lhe dando possivelmente a maior bancada do Congresso Nacional, tanto o maior número na Câmara dos Deputados, bem como no Senado Federal, o que irá provavelmente capacitar o Sr. João Figueiredo (presidente da República) a continuar aprovando projetos que tem o repúdio de toda a nação, como é o caso do "pacote da previdência".

Portanto eu não concordo que derrubamos o muro, nem tampouco que rompemos o acordo, mas uma coisa é certa, a oposição conquistou os mais expressivos estados da federação, tanto economicamente, como politicamente e, isto representa uma resposta consciente da maior parcela do eleitorado brasileiro (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, representam 77% do eleitorado brasileiro), que desvinculou das mãos do poder central 72% da arrecadação de ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias), representado pelos estados de São Paulo com 40% do ICM arrecadado em todo o Brasil, mais o Paraná 6,4%, Minas Gerais 9,2% e Rio de Janeiro 10,7%, soma-se a estes os estados de Goiás, Pará, Amazonas e Espírito Santo que representam 5,7% da arrecadação, o que vem a totalizar os 72% da arrecadação de ICM de todo o Brasil.

Bem, na Câmara dos Deputados do Congresso Nacional, ainda não se sabe com certeza quem ficará com a maioria, se o governo ou a oposição, provavelmente será o governo, no entanto, dependemos da confirmação dos últimos resultados. Duma coisa porém temos certeza, foi eleita muita gente nova, principalmente os da oposição para ficar de vigia as manobras do governo, dos que foram eleitos pelo PDS, infelizmente deles não podemos esperar muito, uma vez que são subservientes ao poder que já domina o Brasil a mais de 8 anos, e que, construtivamente falando, esqueceu o HOMEM, por ter agido ao longo destes anos tão arbitrariamente contra o ser HUMANO.

A partir de 83 o poder se encontrará mais dividido, e por que não dizer mais heterogêneo, não vai pertencer mais só a um, mas sim irá corresponder aos vários seguimentos e tendências políticas da nossa sociedade, caberá ao povo está exigente, vigilante e participativo. Como não podemos prever além disto o nosso futuro, vamos ficar na expectativa dos fatos, numa coisa eu aposto, muitos fatos interessantes irão acontecer nestes próximos anos.

Há, de saideira eu não posso deixar de fazer uma referência lógica (muito embora não entre em detalhe, pelo menos agora), lendo uma frase de William Whitehead, onde ele diz "O único animal que ri é o Homem", confesso, não sei porque que eu lembrei-me do nosso querido Nordeste, das festas de vitórias do PDS sobre este solo sofredor, e impulsivamente dizendo "o pior é que as vezes ri de graça"; de fato não controlamos mesmo nosso sexto sentido, daí a razão de sem querer e seguidas a este pensamento eu criei mais duas frases: uma é a que traz o título deste artigo, a outra saiu pela culatra: Meu bom Nordeste, que pena, achaste pouco dezoito anos em...

ATENÇÃO

O Conselho Paroquial, reunido no dia 13 de dezembro na casa dos padres, Morro Branco, decidiu promover uma grande feijoada em prol de todas as comunidades que integram as paróquias de Morro Branco e Lagoa Sêca. Ela servirá para cobrir muitas despesas que as comunidades tem. Data: dia 30 de janeiro. Local: casa dos padres, Morro Branco, Av. Antonio Basílio 228. Hora: a partir das 10 horas da manhã. Haverá bebidas e oportunidade para dançar. A feijoada será servida a partir das 12 horas. Colabore, compre uma senha na sua própria comunidade, ela custará 500 cruzeiros.

Conselho Paroquial

CNBB define papel das comunidades eclesiais

Da sucursal de BRASÍLIA

A CNBB divulgou o seu primeiro documento sobre as comunidades eclesiais de base — CEBs — alertando para que elas fiquem atentas à dimensão sócio-política de sua missão, cuidando para que o seu trabalho “se mantenha fiel à própria fé, seja quanto ao conteúdo, seja quanto aos métodos”. Os bispos defendem que “seria desfigurar a própria natureza das CEBs isolá-las dentro da Igreja ou dar-lhes como conteúdo primordial e constitutivo uma conotação sociológica”. Não seria certo, também, segundo os bispos “concluir que as CEBs só são possíveis entre as classes mais pobres e, pior ainda, seria pensar-se em duas igrejas irredutíveis entre si: uma dos pobres nas comunidades de base, e outra, das classes médias, ou ricas, na paróquia e outras organizações”.

Ao abordar a dimensão sócio-política das CEBs, o documento ressalta que ela é a mesma que deve estar presente em outras comunidades eclesiais e organismos de evangelização. “O novo que as comunidades de base trouxeram — acentua — foi o fato de oferecerem, dentro da Igreja, um espaço para o próprio povo simples participar da evangelização da sociedade por meio da luta pela justiça. Nesse sentido, elas têm-se manifestado como lugar privilegiado de educação para a justiça como instrumento de libertação”.

DISTORÇÕES

“É preciso superar constantemente a tentação de reduzir a missão da Igreja às dimensões de um projeto puramente temporal — advertem os bispos —, de reduzir seus objetivos a uma perspectiva antropocêntrica (a salvação), esquecendo toda a preocupação espiritual e religiosa — a iniciativa de ordem política e social. Se isso fosse assim, a Igreja já perderia sua significação mais profunda”.

Citando o papa Paulo VI, os bispos afirmam que a mensagem de libertação da Igreja não teria nenhuma originalidade, caso ocorressem as distorções apontadas, “e se prestaria a ser abafada ou manipulada pelos sistemas ideológicos e pelos partidos políticos”.

O documento, no capítulo “CEBs, alvo de interesse e incompreensão”, reconhece o interesse de instituições e grupos extra-eclesiais pelas comunidades de base, acentuando que aí, com frequência, o que se nota “é, a total desinformação, o desejo de manipulação, quando não a intenção de fazer das CEBs o alvo dos ataques mais gerais à Igreja”.

“Na realidade, o que está em discussão é a missão da mesma Igreja — diz o documento. O que é repudiado não são as CEBs em si, mas sim todo o processo de evangelização voltado para a crítica profética das injustiças e empenhado na construção de uma sociedade mais fraterna. As CEBs, de

uma maneira simples, mas eficaz, conseqüentemente praticar mais intensamente as exigências da doutrina social da Igreja: elas tornam visível o compromisso com os pobres”.

A CNBB acha que se as comunidades de base sofrem perseguição “é por causa da Igreja, do Evangelho, e, assim, elas se constituem herdeiras da bem-aventurança”.

Depois de explicar a origem das comunidades de base, o documento dos bispos assegura que, desde o início, as CEBs cresceram mais entre as populações simples e pobres. Várias razões levaram a esta realidade, segundo a CNBB, entre elas a ausência de vigário residente nas cidades do interior.



AMIGO, VOCÊ LEU ESTE JORNAL? APRECIOU? GOSTOU? ENTÃO, DEIXE OUTROS APRECIAR TAMBÉM! OFEREÇA AO SEU COLEGA, VIZINHO, IRMÃO!

Centenário de Cardijn - 1882-1982

A Pastoral Operária lembra a todos seus leitores a figura de Cardijn por ocasião do CENTENÁRIO do seu nascimento.

Nascido de pais pobres, na Bélgica, Joseph Cardijn, cresce na escola de sua mãe-doméstica e de seu pai-trabalhador de mina de carvão. Na escola familiar se exercita no amor à pobreza, no serviço aos pobres e oprimidos e cria raízes para a longa caminhada.

Parte para o Seminário na alegria e na fé de poder atender o convite do Senhor... "grande é a messe, poucos são os operários".

Ainda jovem perde seu pai e se compromete com juramento de colocar a sua vida a serviço dos trabalhadores... "Papai o senhor se matou por mim. Eu me matarei de trabalhar para salvar a classe operária".

Ordena-se sacerdote em 1906 e se lança num trabalho de base, nas periferias, nos bairros onde moram os trabalhadores: como Educador Carismático realiza trabalhos num bairro socialista de Bruxelas, agrupa jovens trabalhadores.

Faz trabalho

- * de presença
- * de escuta
- * de fermento
- * de luz
- * de fé
- * de esperança

Presença — sem impor, sem manipular, sem oprimir...

Escuta — dando voz e vez...

Fermento — na massa desorganizada, informe, dando-lhe corpo e sentido...

Luz — refletindo à luz da palavra do Senhor, da Palavra da Salvação, do Evangelho...

Fé — "Se tivermos fé iremos à conquista do mundo", no trabalho sério, na classe trabalhadora, na Igreja, em Jesus Cristo, Senhor dos Homens, do Mundo, o Salvador.

Esperança — na Construção do Reino, no mundo dos homens, no mundo de Deus, na Eternidade.

— Homem de coragem e Sacerdote de fé se propõe organizar a Juventude em termos amplos, sem fronteiras, no mundo, especificamente os Jovens Trabalhadores, os jovens ligados à classe operária. Articula-se com seus superiores hierárquicos, discute e fundamenta as possibilidades, supera dificuldades, persevera. Apresenta um plano, um método, metas a conseguir a curto, meio e longo prazo.

FUNDADOR DA JOC

Em 1924, Padre Cardijn, com uma centena de Padres e Leigos junta oficialmente a "JOC" — Juventude Operária Católica.

SEU MÉTODO

"Se tiverdes fé, iremos à conquista do mundo" é o que dizia aos primeiros jocistas num grande esforço de querer habituá-los a formar uma opinião a agir com eles entre eles, para eles e por eles. Era o método VER, JULGAR, e AGIR vivido antes de ser codificado em "Manual".

Cardijn viaja o mundo e não perde endereços: vai para Londres e estuda

de perto os sindicatos ingleses. Vai a Paris e estuda a realidade da classe operária. Vai a Roma informa o Papa. Vai à América Latina e toma consciência do subdesenvolvimento e do mundo do trabalho. E assim África, Ásia e Mundo. Por toda parte fala da dignidade do trabalho, das profissões, dos menores, das domésticas, da organização, dos direitos, dos deveres, da justiça, dos salários, dos sindicatos, da Igreja, do Evangelho de Jesus Cristo, do Reino. Visita Seminários, Padres Bispos, Cardeais, Papas.

SUA CONTRIBUIÇÃO

Cardijn, para o Papa Paulo VI foi o homem que mais trabalhou neste século para a Igreja.

D. Helder diz que Cardijn nos habitou a VER da maneira mais objetiva, a JULGAR os acontecimentos à luz do Evangelho, a AGIR em consequência

O Papa Pio VI: "Eis alguém que me fala das massas, de salvar as massas, todos os demais falam de elite".

O Papa João XXIII, várias vezes declarou que o grande incentivador da Encíclica MATER e MAGISTRA; foi Cardijn.

A participação de Cardijn na preparação e durante o Concílio Vaticano II, foi de grande importância para o avanço do movimento leigo na Igreja.

CARDEAL DOS TRABALHADORES

Foi com grande alegria que a Juventude Trabalhadora e o Mundo recebeu a notícia de que o Santo Padre o Papa Paulo VI, havia escolhido Padre Joseph Cardijn para Cardeal. Foi um gesto de reconhecimento pelos serviços prestados à Igreja, entre eles a Fundação de Ação Católica, que tantos frutos produziu e continua produzindo.

CARDIJN ESTEVE NO BRASIL QUATRO VEZES

Em 1948 — Em São Paulo, na Primeira Semana Nacional de Estudos, quando se oficializou a JOC brasileira.

Em 1951 — No Rio de Janeiro, a convite da Ação Social.

Em 1955 — Congresso Eucarístico Internacional no Rio de Janeiro e Criação da Comissão Episcopal Latino Americana (CELAM).

Em 1961 — No 2.º Conselho Mundial da JOC e para o 1.º Congresso Nacional de JOVENS TRABALHADORES.

13 de Novembro de 1982 — Que o CENTENÁRIO DE CARDIJN — lembre a todos nós a OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS OPRIMIDOS!

(Boletim Pastoral Operária)



NOTÍCIAS DAS COMUNIDADES

DIZIMO DO SENHOR

1. Ninguém é cristão sozinho. Somos um povo de Deus em marcha, somos a família de Deus na terra. A nossa área: Potilândia, Nova Descoberta, Morro Branco, Capela Santo Antonio, Ambulatório Cristo Redentor, Potiguar, N. S. do Líbano, Lagoa Sêca, formam 90 mil pessoas católicas. A paróquia é a porção da Família de Deus na qual estamos integrados. Na paróquia recebemos a evangelização, a catequese, batizamos nossos filhos, nela nossos filhos fazem sua primeira Eucaristia. Na comunidade participamos da Missa e nela nossas filhas e filhos se casam. O Vigário é chamado para dar assistência e conforto aos nossos enfermos e para rezar por nossos mortos. Na nossa comunidade nascemos, vivemos e morremos.

2. A Paróquia, é uma comunidade de culto e uma comunidade fraterna. Numa cidade como Natal não é possível conhecermos todo mundo que mora em nossa área. Mas podemos contribuir para a fraternidade:

a) cooperação para que o CULTO DOMINICAL seja o LOUVOR COMUM da família de Deus reunida.

b) Engajando-nos nas atividades apostólicas da sua comunidade: Pastoral da saúde, pastoral dos anciãos, pastoral das viúvas, catequese, liturgia, pastoral dos irmãos carentes, pastoral do dizimo, da evangelização, da reflexão bíblica, pastoral da família, dos jovens etc.

c) Ajudando o trabalho de promoção social para que os irmãos mais carentes sintam o amor dos demais.

3. Neste sentido as nossas comunidades tem metas a atingir:

a) Prover o necessário para o andamento do Culto Divino e a beleza mínima e manutenção das Igrejas.

b) Atender às despesas do plano pastoral na nossa área: formação de líderes, catequistas, equipes de liturgia, ministros extra-ordinários, cursos, impressos, etc.

4. Oferecer digna sustentação ao vigário e aos leigos que se dedicam ao serviço paroquial: secretária, zeladoras, uma professora para Jardim da Infância, mantido por nós.

5. Ajudar às obras sociais, principalmente a promoção dos irmãos mais carentes, nós temos várias favelas na nossa área.

6. Cabe aos próprios paroquianos a responsabilidade de contribuir, ao menos materialmente para obtenção destes resultados, cumprindo assim o QUINTO MANDAMENTO DA IGREJA: "pagar o dizimo segundo o costume", o qual relembra o preceito divino: "De todos os teus bens a décima parte será consagrada ao Senhor (Lev. 27,32)

O bom êxito da Campanha permitirá abolir completamente as "espórtulas" por ocasião dos Sacramentos, evitando a desagradável aparência de comércio na Igreja.

Preencha a ficha:

Nome:

Residência:

Fone: Consciente de minhas responsabilidades como cristão, contribuo voluntariamente com a importância de Cr\$ para minha comunidade de Pagarei esta importância cada mês ao tesoureiro da minha comunidade ou quero que seja recolhida mensalmente no dia

Posso ajudar com trabalho da seguinte maneira

..... Deixo de contribuir pela razão seguinte

Pe. Pio Hensgens

O QUE É EVANGELIZAÇÃO LIBERTADORA?

Evangelização libertadora é tomar consciência de si mesmo. É um compromisso e um testemunho. O conteúdo dela deve ser a dignidade da pessoa humana. Ela deve transformar o mundo. É viver uma solidariedade e fraternidade. É ser responsável pelo destino da comunidade. É desenvolver sua personalidade. É ser um sujeito, um agente consciente de seus direitos e obrigações. As carências ma-

teriais, sociais, econômicas, culturais, políticas, espirituais e religiosas devem mudar-se para corresponder às exigências da dignidade humana, do Bem Comum, da participação comunitária, da responsabilidade social, do serviço solidário, da prática da justiça e da verdade.

Pe. Pio Hensgens.

FÉRIAS

A época das férias é um tempo para repousar, para refazer-se, para ler, refletir. Para nós é também uma época do DESERTO. O Deserto faz um convite à conversão e só confiar em Deus. Deus não chamou Israel a viver no deserto, mas a atravessar o deserto para viver na Terra Prometida. João Batista já dizia: "Renove os seus corações e depois enviava os batizados ao seu trabalho. O deserto é apenas um meio para se converter em vista do Messias que vem. Jesus Cristo também viveu muito no deserto. Jesus Cristo quis reviver as diversas etapas do povo de Deus. Então Jesus foi levado pelo Espírito para o deserto. Mat. 4, 1-11. Jesus Cristo utilizou o deserto como um refúgio contra a multidão, Mat. 14, 13. Jesus ouvindo isso, partiu dali, de barco, para um lugar deserto, afastado. Depois da cura do leproso; Mas o homem começou a falar muito e espalhou a notícia. Por isso Jesus não podia mais entrar abertamente em qualquer cidade, mas ficara fora, em lugares desertos. Mc. 1,45. Jesus nem tinha tempo para comer. Havia ali tanta gente chegando e saindo, que Jesus e seus discípulos não tinham tempo nem para comer. Então ele disse: Venham. Vamos sozinhos a um lugar deserto para descansar um pouco Mc. 6,31. Quando amanheceu, Jesus saiu da cidade e foi para um lugar deserto. Luc. 4,4. O deserto é um lugar propício para a prece solitária, para reflexão. De manhã bem cedo quando ainda estava escuro, Jesus se levantou e foi para um lugar deserto e ficou ali orando. Mc. 1,35 Vejamos: O Tempo das Férias é o tempo para irmos ao deserto. Faça uma caminhada bem cedo assim para a Praia de Ponta Negra, ore e reflita. Uma sugestão.

Pe. Pio Hensgens.

FELIZ ANO NOVO

As gerações celebraram sempre o Natal e o Ano Novo sob o slogan: "Paz na terra aos homens". A tradução antiga ia complementar dizendo: "Aos homens de boa vontade". Aquilo tranquilizou tanto a gente e até deixou a gente chorar. A gente se acomodava tanto que a paz tinha chegado para a gente, porque nós somos tão de boa vontade e coitados aqueles que não tem boa vontade e se julgava principalmente o muno lá fora.

No dia de hoje mudou alguma coisa. A gente não deve mais ser tão autosuficiente e julgar que os católicos, e só eles, tem a paz como sua propriedade. Lideranças dentro e fora da Igreja se preocupam em pronunciar mensagens de paz e marcar conferências de paz. E ao mesmo tempo as próprias Igrejas cristãs reconhecem que até dentro delas mesmas existe a mesma desunião e falta de paz como lá fora. Convence-se que não é uma questão só de má vontade, que a paz verdadeira seja simplesmente nada mais do que um sonho ainda para a humanidade.

Nossa geração está de cara a cara com a nossa impotência para fazer a paz neste mundo. A ameaça duma destruição total por um desastre nuclear abriu os olhos de muitos. A humanidade descobriu sua força diabólica de autodestruição. Sentimentos de força e autosuficiência cedem o lugar à impotência e medo. Esta descoberta não é sem frutos. Nós atendemos, que nenhum grupo ou nenhuma entidade pode apropriar a paz como seu privilégio ou seu domínio, não adianta exigir paz, proclamar paz ou obrigar paz.

Os homens de hoje descobriram que cada tipo de autosuficiência ou opinião dogmática é uma ameaça à paz mundial. Nunca haverá paz quando a razão própria, a força própria e a segurança própria são o ponto de partida do nosso agir. A força que se usa para cobrir o próprio, para esconder sua incapacidade suscita nos outros o mesmo sentimento de ser ameaçado.

Os homens estão caminhando reconhecendo em si mesmos e outros sua incapacidade, seu medo, sua precariedade, sua incompetência. Os homens estão descobrindo que de lado seu poder de fachada e sua incompetência e impotência unirão os homens muito mais. Cabe talvez à nossa geração abrir o caminho para a paz verdadeira, desmascarando o poder totalitário. Um feliz 1983.

Os que fazem "O CAMINHANDO"